

Política

OCIOSIDADE

A vetusta sede da diplomacia brasileira, quando a capital da República era o Rio de Janeiro, abriga hoje órgãos sem qualquer importância e muitos funcionários. É o caso deste "Senadinho".

Um Senado "fantasma" no velho Itamaraty

Ninguém sabe exatamente para que serve, mas o Senado Federal mantém uma representação com 108 funcionários no Rio de Janeiro, herança dos 197 anos em que a cidade foi a capital do País. Não chega a ser uma representação clandestina, mas a impressão que se tem é que os funcionários fazem força para se manterem anônimos, no que contam com a ajuda da sede do "senadinho", que fica nos fundos do antigo Palácio do Itamaraty, uma construção suntuosa que está sendo reformada pelo Pró-Memória.

O diretor da representação do Senado no Rio, Deusdedit Miranda, normalmente muito falante, emudece diante da identificação de um jornalista e diz que não sabe nada. E ele não parece estar mentindo. Dá a certeza de que não sabe bem o que faz a mais de mil quilômetros da sede do Senado. A maioria dos funcionários — se prometido o anonimato — fala com poucas reservas e não esconde que não gosta do diretor, tido como truculento e vingativo.

Miranda, que veio de Brasília para assumir a mais cobiçada diretoria do Senado Federal, apadrinhado por um senador eleito pelo Rio, é um chefe rígido, que não admite faltas e atrasos, segundo uma funcionária próxima ao diretor. Os motoristas, no entanto, não têm o chefe na mesma conta e não dispensam nem insinuações racistas para classificar Miranda.

A representação do Senado Federal no Rio é dividida basicamente em quatro departamentos: Direção, Transportes, Divulgação e Serviços. O mais curioso de todos é o departamento de Divulgação, que tem 24 funcionários absolutamente ociosos que passam o tempo lendo os jornais. "O que a gente mais faz é esperar o tempo passar", diz um deles.

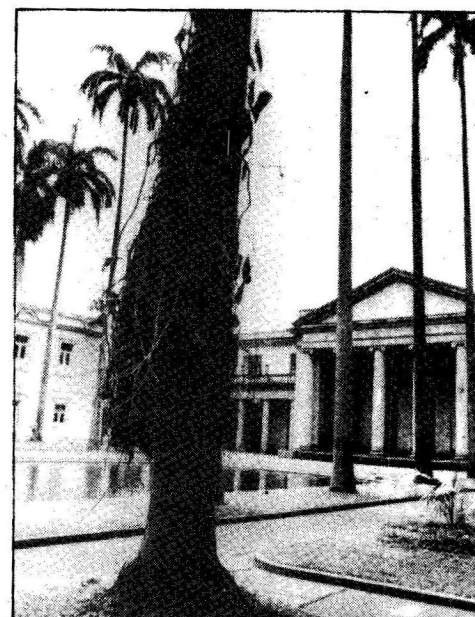
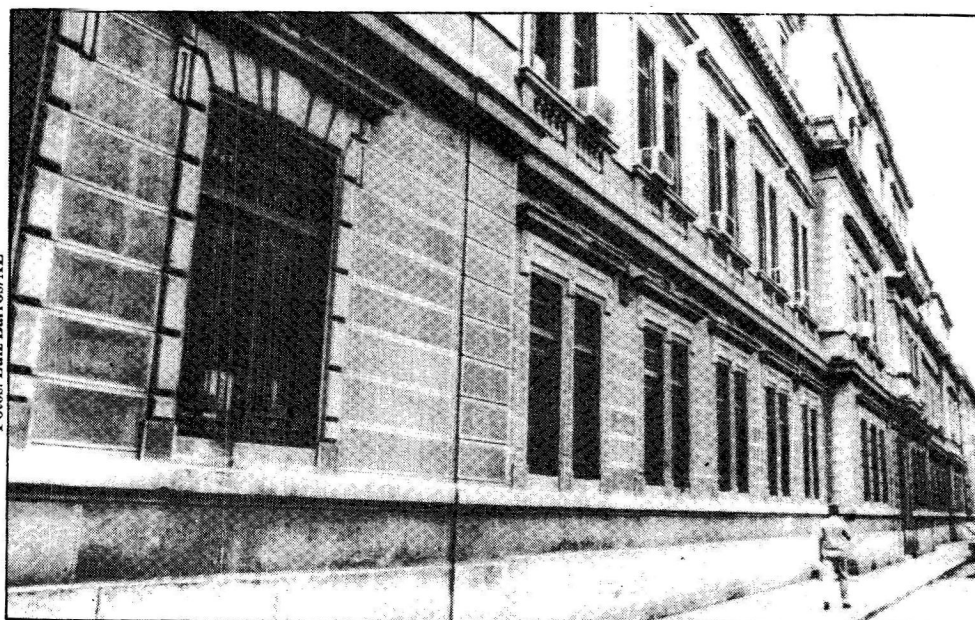
Os jornais cariocas confirmam a declaração. Nenhum deles recebe qualquer correspondência da representação e a maioria nem sabia de sua existência. O serviço de "clipping" (recortes de notícias de interesse do Senado) já foi suspenso, porque em Brasília já se faz isso e os "releases" não saem porque não há o que divulgar.

Os departamentos que mais trabalham são os de Transportes e o de Serviços, que têm como atribuição exclusiva atender os senadores da República quando eles viajam para o Exterior. "A gente leva e busca no aeroporto, facilita os problemas de passaporte, alfândega e fica a serviço dos senadores quando eles vêm para o Rio. Mas é muito raro isso acontecer", diz um motorista.

O diretor Deusdedit Miranda confirma que a representação presta serviços aos senadores, mas não especifica quais. "Eu não posso falar disso. Se você quiser falar do movimento negro tudo bem, mas disso não", diz contrariado. Essa sua liderança no movimento negro carioca foi, segundo um funcionário da representação, a maior responsável pela nomeação de Miranda na direção. "Ele é bom de voto", revela maliciosamente.

Mesmo que ninguém saiba exatamente o que fazer, fala-se muito por telefone na representação do Senado Federal no Rio. O conjunto de dez salas cedido mediante convênio pelo Ministério das Relações Exteriores tem nada menos que 23 telefones diretos — o que dá a média de cinco funcionários por aparelho — um número bastante razoável numa cidade que tem problema com novas linhas telefônicas.

Mas fora os telefones e os cinco carros oficiais parados na garagem não há ostentação na sede carioca do "senadinho". Os móveis são herança do antigo Senado que ficava no demolido Palácio Monroe.



O Palácio do Itamaraty, no centro velho do Rio de Janeiro: repartições sem qualquer utilidade e funcionários sem ter o que fazer.

Fotos: Luiz Barros/AE